

RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO E A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA

Antonia Dalva França Carvalho¹
Armstrong Miranda Evangelista²

RESUMO

Este artigo aborda a relação histórica entre a Educação no Brasil e a Psicologia, ancorando-se na produção literária que mostra o surgimento da Psicologia da Educação no Brasil, no início do século XX, seja enquanto disciplina, seja enquanto campo de conhecimento, antes mesmo da Psicologia. Em princípio, enquanto campo de conhecimento a psicologia educacional foi eminentemente, experimental e individual; servindo a interesses hegemônicos, ocupou-se se com a elaboração de testes de inteligência, de prontidão e aptidão; o objetivo era identificar as diferenças individuais, provavelmente, para responder porque a escola não conseguia cumprir a contento o seu papel. Enquanto disciplina, veio implementar os currículos das escolas normais no Brasil, buscou formar o professor capaz de compreender a personalidade da criança e orientar a sua aprendizagem. Este artigo também evidencia a preponderância da abordagem behaviorista que, na história (e ainda hoje), traçou os contornos da educação no Brasil. A partir daí reflete sobre a premência de se tomar na educação o sujeito na perspectiva de análise, o que implica na ampliação dos construtos teóricos da Psicologia em direção ao indivíduo coletivo e histórico bem como nas situações de educação formal, valorizando-se a perspectiva dialética e interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Psicologia da Educação. Indivíduo.

¹ Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Piauí do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: adalvac@uol.com.br

² Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal do Piauí do Departamento Métodos e Técnicas da Educação. E-mail: armstrong@ufpi.edu.br

THE RELATIONSHIPS BETWEEN EDUCATION AND THE PSYCHOLOGY OF EDUCATION IN BRAZIL: A HISTORICAL SYNTHESIS

ABSTRACT

This article addresses the historical relationship between Education in Brazil and Psychology, anchoring itself in the literary production that shows the emergence of Educational Psychology in Brazil, in the beginning of the 20th century, either as a discipline or as a field of knowledge, even before of Psychology. In principle, as a field of knowledge, educational psychology was eminently experimental and individual; serving hegemonic interests, he was concerned with the development of tests of intelligence, readiness and aptitude; the objective was to identify individual differences, probably, to answer because the school was unable to fulfill its role satisfactorily. As a discipline, it came to implement the curricula of normal schools in Brazil, sought to train teachers capable of understanding the child's personality and guiding their learning. This article also highlights the preponderance of the behaviorist approach that, in history (and even today), traced the contours of education in Brazil. From there, he reflects on the urgency of taking the subject in education in the perspective of analysis, which implies the expansion of theoretical constructs of Psychology towards the collective and historical individual as well as in formal education situations, valuing the dialectic perspective and interdisciplinary.
words: Education. Educational psychology. Subject

KEY WORDS: Education. Educational psychology. Subject

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a Psicologia no Brasil (Massini, 1990; Antunes, 1991) admitem que já na época colonial foram abordadas questões relativas à

emoção, às paixões, à loucura, à criança e o seu processo educativo. Estas questões, no entanto, estavam vinculadas a outros campos como a medicina, a religião, e a própria educação, o que, segundo as autoras, tem dificultado as investigações nesse campo. Isso significa que tratar da história da Psicologia da educação no Brasil é enfrentar estas limitações, isso faz com que, inegavelmente, tenha que se recorrer aos estudos realizados em outros países, embora isso possa fortalecer a teoria da dependência, cujo princípio é a importação de modelos de países mais desenvolvidos, particularmente os Estados Unidos e alguns países europeus. No entanto, seguindo o pensamento de Moreira (2003), entendemos que nenhuma transferência de idéias ou modelos ocorra sem a mediação dos sujeitos. A aceitação de modelos de outras nações para ser aceita ou refutada deve passar por um exame crítico, que seja conhecida em profundidade e, refletidamente, transformada em sua assimilação.

Diante disso, este texto, ao abordar trajetória da Psicologia educacional no Brasil até os dias atuais, refere-se, sobretudo, ao discurso teórico elaborado nos países dominantes, interpretados em parte pela literatura brasileira sobre o tema. Outrossim, por esta vincular-se à área da psicologia aplicada o enfoque estará voltado para a educação formal, embora não se deixe de mencionar a relação entre educação e sociedade. Dada as restrições de tempo não se delineou em pormenores o contexto socioeconômico e político de cada época, mas eventualmente nos referiremos a ele para uma melhor compreensão da psicologia da educação no decorrer da história.

2 PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO: PERCUSO HISTÓRICO

No âmbito mundial, a Psicologia da Educação foi legitimada com Thorndike nas primeiras décadas do século XX. Ao elaborar a lei do efeito ele

inaugura a pesquisa experimental na área Educacional, construindo a primeira teoria de aprendizagem. No entanto, foi somente no final do século XIX, quando encontrou na Psicometria área fecunda, que a Psicologia ganhou *corpus* e *status* científico. Neste aspecto as contribuições de pesquisadores europeus como Binet e Simon, acentuaram a elaboração de testes de inteligência, com o objetivo de identificar as diferenças individuais.

No que se refere ao cenário político e educacional mundial em grande parte decorrente da Revolução Francesa surgira a necessidade de uma escola mais realista, que se adequasse ao mundo em transformação. A tentativa de superar a escola tradicional deu origem ao movimento escolanovista, que surgiu no final do século XX, na Europa e EUA. Deste movimento emergiu o movimento da Escola Nova, cujos ideais de educação, baseada em princípios humanistas modernos, balizavam-se no ideal democrático, laicidade, integralidade e de autonomia individual.

No Brasil, a implantação da Escola Nova ocorreu sem que o movimento estivesse devidamente contextualizado à realidade das relações sociais, embora um documento como o manifesto dos pioneiros da Educação expressasse a defesa da escola laica e de qualidade. Na verdade, nota-se que o panorama econômico da época, marcado pelo capitalismo e pela industrialização, demandava da educação a preparação de mão de obra especializada, adaptada aos novos tempos. Assim a educação foi chamada para responder esta questão, buscando-se na Psicologia, campo de conhecimento em expansão, as bases para atender tal demanda. Foi nesta conjuntura que a Psicologia da Educação passou a fundamentar os currículos das escolas normais. A finalidade era formar o professor para compreender a personalidade da criança e orientar a sua aprendizagem.

No que se refere ao campo científico da Psicologia da Educação, Arranha (1991) relata que as principais pesquisas na área da Psicologia da

Educação datam do início do século XX. Em 1916, o laboratório de Psicologia e Pedagogia, projetado por Binet ocupava-se em estudar as reações psicológicas das crianças, como a discriminação auditiva e visual, sendo também efetuados testes de aptidão e inteligência. No Brasil, convém destacar a contribuição do Professor da Escola Normal de Piracicaba, Lourenço Filho, que em suas pesquisas na linha da Psicologia Educacional, recebera influências norte-americanas e dos gestaltistas alemães, elaborando o primeiro teste de leitura. Posteriormente, convidado para reformar o ensino do Ceará, em 1922 Lourenço Filho monta um pequeno laboratório experimental anexo à Escola Normal em Fortaleza. Por volta de 1925, ao retornar para São Paulo, ele assume a cátedra da cadeira de Psicologia na Escola Normal, introduzindo no ensino as teorias behavioristas e pavloviana, em colaboração com Noemy Silveira Rudolfer.³ segundo Goulart (1989)

Outros centros de pesquisas de desenvolvimento da psicologia educacional foram fundados em Recife-PE, Salvador-BA e Belo Horizonte-MG. Nestes laboratórios foram realizadas investigações sobre inteligência, aprendizagem, escolaridade, além de iniciativas para a revisão e adaptação de testes de aptidão e inteligência. Nesta fase a Psicologia da Educação foi excessivamente baseada no experimentalismo europeu que fundamentado na Psicometria, auxiliou a aplicação dos testes utilizados aqui no Brasil nas décadas de 30 e 40 (Goulart, 1991)³. Tais testes, ampliados para o âmbito escolar, além de rotular os alunos em normais e anormais, eram úteis à formação de turmas e servia ao prognóstico do fracasso escolar, sendo conveniente ao regime político do período marcado pela ditadura Vargas. Aliado a isso, as teorias psicológicas da época, de base inatista, justificavam o fracasso escolar como resultantes diferenças individuais de aptidão, prontidão.

³ Íris Goulart, é uma das poucas referências para se estudar a Psicologia da Educação no Brasil. Daí porque este texto trazer uma síntese das suas idéias.

Portanto, a Psicologia que se estabelecia nas instituições brasileiras tinha um caráter individualista.

Nos anos 1950 a 1960, com a criação das faculdades de Filosofia e dos cursos de Pedagogia, a parceria com os Estados Unidos através dos convênios entre o Mec /Usaid (United Agency for international developement), facultaram o envio de professores para aperfeiçoamento nos EUA, estimulando novamente o desenvolvimento da Psicologia da Educação no Brasil. As idéias do norte-americano Jonh Dewey marcaram uma psicologia preocupada com o desenvolvimento do raciocínio da criança, as estratégias de ensino e, ainda, a preparação para a vivência democrática do cidadão, indo ao encontro do discurso oficial do período que, aparentemente, revalorizava a democracia, depois de mais de uma década da ditadura varguista. Uma série de reformas invadiram a educação brasileira, institutos de educação proliferaram e as idéias de Dewey tiveram certo privilégio teórico.

Mas a perspectiva progressista encontrou dificuldades para ser implementada com o avanço do autoritarismo a partir da instalação do governo militar em 1964. O currículo foi então delineado pelos postulados das experiências de americanos positivistas como Watson e Skinner sobre o comportamento, ganha então relevância o papel do ambiente na determinação do comportamento (Bock, Furtado e Teixeira, 2015). Em princípio, esta tendência foi introduzida na empresa, através de treinamentos, cujo princípio era adaptar as pessoas ao ambiente de trabalho. Era a vertente da Psicologia experimental americana ganhando espaço no Brasil - o behaviorismo. Outro estímulo advindo dos Estados Unidos, em decorrência do desenvolvimento da Psicometria durante a segunda guerra mundial, foi ampliação de testes para diagnóstico da inteligência, da aptidão, avaliação de interesses. De tal modo que foi preciso criar instituições especializadas para lidar com estes instrumentos. Esta prática, já introduzida na escola, agora se fortalecia,

originando, inclusive, uma área de trabalho específica: o orientador educacional, cuja função era aplicação de testes produzidos pela Psicometria. Segundo Goulart (1991) naquele momento não se dissociava o ensino de Psicologia da Educação que não oferecesse uma fundamentação rigorosa da Psicometria. Uma outra tendência do impulso da influência da psicologia foi o interesse dos pedagogos pela obra de Carl Rogers, representante da Psicologia Humanista, cujo modelo era de uma pedagogia não-diretiva. A manifestação dessa tendência, cuja influência remonta a Rousseau, que critica o ensino tradicional por inibir a natureza espontânea da criança, foi bem mais diluída.

É relevante ressaltar que na década de 1960 o modelo econômico era desenvolvimentista, e o político populista; a ênfase era na consolidação monopolista do capitalismo, na instalação de multinacionais que reivindicavam mão de obra especializada e culpavam a escola pelo despreparo técnico do brasileiro. O país seguia o exemplo norte-americano ao introduzir a tecnologia educacional. Este modelo buscava a racionalização da educação de acordo com a concepção empresarial taylorista, inspirado no positivismo (Romanelli, 1987). A educação fora concebida como mudança de comportamento, via treinamento. Nesta década, apesar dos trabalhos de Piaget terem sido divulgados aqui no Brasil por Lauro de Oliveira Lima, foram considerados somente sob a perspectiva psicológica maturacional do sujeito em relação à aprendizagem. Esta é a década que também foi aprovada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação do País (Lei 4024/61) e criados os primeiros cursos de orientação educacional em nível de pós-graduação. Igualmente, foi criado o curso de Psicologia. Sob este aspecto, Goulart (*op.cit*) ressalta que no Brasil, antagonicamente o que ocorreu em outros países, a Psicologia foi encabeçada pela Psicologia da Educação, em virtude de ter sido a prática dos professores da psicologia educacional o fundamento do curso ser efetivado.

Com o golpe militar de 1964, a filosofia que, até então, vinha ganhando espaço nos currículos, e possibilitando discussões sobre problemas sociopolíticos, teve diminuída a sua importância. A Psicologia, contrariamente ocupa maior espaço nos currículos de formação, sobrevivendo pelo seu caráter individualista e a linguagem descomprometida com o social e o político. De fato, durante quase duas décadas a Psicologia da educação foi considerada a rainha das disciplinas dos cursos de formação de professores.

Na década de 1970, tendo em vista o predomínio da racionalidade técnica, a atenção é dada ao planejamento, às técnicas de ensino e a avaliação objetiva. Observa-se o domínio do tecnicismo na educação e da corrente psicológica behaviorista. Observa-se aqui a promulgação da lei 5692/71 reformando o ensino de 1º e 2º graus. No final dos anos 70, o novo momento político no Brasil iniciou a abertura política, a anistia dos prisioneiros do regime e o retorno dos exilados. Economicamente, o modelo de desenvolvimento em recessão ampliou a participação de outros segmentos da população nos processos de decisão. Neste período, as reflexões em torno da escola e de sua relação com a estrutura social, desvelou a ineficácia da Psicologia da Educação para resolver os problemas de ordem social ou institucional (Coll, 1999). A Sociologia ocuparia o cenário a partir deste momento, tendo em vista que a Psicologia foi considerada como suporte ideológico da classe dominante para justificar seus posicionamentos sobre a educação.

A década de 1980 é caracterizada pelo processo de redemocratização do país, da emergência de movimentos políticos, como as “Diretas já!”. Apesar da literatura consultada ver essa década como ainda recente para ser avaliada, percebe-se um despertar da leitura de Piaget e da psicanálise. Seguindo ainda o que ocorria nos Estados Unidos, que também substituiu o modelo comportamental pelo modelo piagetiano, enquanto a Psicanálise ganhou

importância como um referencial para reflexão sobre os problemas educacionais, notadamente pela via freudiana.

Freitas (1994) pesquisando sobre o pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil, encontrou já desde meados de 70 em universidades brasileiras distintos professores (Piagetianos ou Skinnerianos) lendo e interpretando esses autores. Destaca que a perspectiva dialética e interdisciplinar adotada pelos soviéticos, de fato, auxilia a olhar a Psicologia da Educação como ciência que busca o sujeito sócio-concreto e histórico.

Ademais, a partir de 1980, o cenário educacional, pôde contar com a produção vasta de idéias progressistas e libertadoras da educação (Moacir Gadotti, Paulo Freire, Magda Soares, Libâneo, entre tantos outros) surgindo um paradigma educacional voltado para a qualidade do processo educativo democrático, político e crítico promotor da participação ativa e consciente do indivíduo na transformação da sociedade.

Ora, se a literatura pertinente a historia da Psicologia Educacional no Brasil, é ainda restrita em relação à décadas anteriores, o que dizer da atualidade, senão deduções retiradas de leitura da aplicabilidade e dos conhecimentos da Psicologia Educacional na pratica escolar? É nesse sentido que se verifica na Psicologia Educacional os trabalhos de Piaget, com a sua epistemologia genética, bem como os de Emilia Ferreiro, inaugurando a tendência construtivista divulgada no Brasil no final dos anos 80. Nesta tendência a concepção de sujeito é a de ativo e construtor do seu objeto de conhecimento, a partir de uma intensa interação com o real. À escola cabe fornecer condições para que este sujeito teste suas hipóteses e avance rumo a apropriação do objeto. Esta abordagem coaduna com a proposta filosófica da educação progressista e inseriu-se, a princípio, no interior das pré-escolas (Kramer, 1990).

As produções na área impulsionaram pesquisas de autores brasileiros (Teresinha Carraher, Eunice Soriano, Sanny Rosa, entre outros) e já há uma vasta literatura sobre a proposta construtivista no Brasil. Isto indica que a partir de 80 o construtivismo passou a ser objeto de estudo e até mesmo constituir-se em base teórica para reorganização do ensino em alguns estados, a exemplo São Paulo. Entretanto, segundo Rosa (1997) a compreensão dos fundamentos e as conseqüências pedagógicas de seus pressupostos, é ainda bastante precária entre os educadores, de modo a ser concebido ora como método, ora como proposta, ora como teoria.

Nos anos 1990 e 2000 a conjuntura social, econômica e política, inseriu o Brasil no bloco de países comprometidos com um ensino de qualidade, no qual as políticas educacionais basearam-se em quatro pilares básicos: aprender a conhecer, a fazer, a conhecer e a conviver (Delors, 2001). Novamente a Psicologia da educação está sendo convocada para explicitar a dimensão psicossocial do processo educativo; porém, não mais sozinha, já que outras disciplinas deram apoio, dado o caráter holista do fenômeno educacional.

No decorrer desta breve exposição, presenciamos que no Brasil, desde cedo, construiu-se uma articulação entre o conhecimento psicológico, a teoria e a prática educativa. Em princípio, como dissemos, a Psicologia da educação foi eminentemente individual e servia aos interesses da classe hegemônica. Com as transformações no contexto socioeconômico político e cultural (inclusive no plano internacional) houve a necessidade que estendesse seus construtos teóricos a sujeitos coletivos e históricos.

Todavia, quase um século se passou e os ideais da Escola Nova nunca foram adequadamente concretizados. Transferidos para o século XXI, a contemporaneidade não pode negar o fato de que a Psicologia tem representado, para os educadores, um referencial na compreensão do

processo educativo. Tanto é, que Becker (1993), pesquisando sobre a epistemologia do trabalho docente, encontrou que a base das práticas educativas escolares, ainda é empirista (comportamentalista). De outro ângulo de análise, isto significa que, embora a Psicologia tenha se dedicado à tarefa de desvendar como ocorre o processo de conhecimento, parece ter sido utilizada como suporte ideológico das políticas educacionais padronizando modelos positivistas de ciência neutra e objetivista, cuja pretensão era negar a influência do social sobre a produção ou apropriação da ciência. Com efeito, no contexto atual, apesar de perceber uma vasta produção de conhecimento, as práticas educativas escolares ainda estão ligadas a concepções obsoletas negligenciando a importância da subjetividade no processo de e construção do conhecimento compreensão da realidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso histórico aqui delineado mostra a existência da insipiência quanto a pesquisa no campo da Psicologia Educacional. Nesse sentido concordamos com a literatura da área quando aponta a necessidade de uma Psicologia da Educação Brasileira que contextualize o indivíduo brasileiro enquanto sujeito histórico, sobretudo, nas situações em que ocorre a educação formal, numa perspectiva dialética, multirreferencial e holística. Dessa maneira a Psicologia da Educação, poderá exercer um papel fundamental para a educação, divulgando e aprofundando os constructos da Psicologia sociohistórica, oferecidos por precursores como Vygotsky e Wallon. Aliás, cabe ressaltar que, devido a multidimensionalidade do processo educativo, o afeto e as emoções precisam ser valorizados nos processos formativos tanto quanto a dimensão cognitiva, como bem demonstram esses dois autores.

Acreditamos que este é o papel das universidades, nas quais a pesquisa, ensino e extensão devam se articular para discutir e propor rumos, quiçá diferenciados daqueles que os países dominantes incorporam às suas sociedades. Sob esta ótica ressaltamos as críticas de Libâneo (1992) sobre o efeito raro do ensino de Psicologia da Educação nas universidades para a formação do aluno, futuro professor, limitado pela distância entre os conteúdos e a prática escolar. Esta demarcação é importante em virtude de que, enquanto laboratório de construção de competências, as universidades e seus agentes educativos precisam considerar o fato de que a formação psicológica distanciada do real, corrobora para a manutenção do *status quo* social. E este, certamente não deve ser o papel da Psicologia da Educação no currículo de formação de professores.

4 REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Mitsuko Aparecida M. **O processo de autonomização da Psicologia no Brasil 1890/1930: uma contribuição aos estudos em História da Psicologia.** São Paulo. PUC, 1991.
- ARRANHA, Maria L de A. História). História da educação e da Pedagogia. São Paulo: Moderna, 1991.
- BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor.** 10. ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. e TEIXEIRA, M^a de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia** 13^a ed. São Paulo: Saraiva. (1999).
- COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

DELORS, Jackes. **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para todos. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: MEC; UNESCO, 2001.

FRANÇA-CARVALHO, Antonia D. As transposições dos constructos teóricos da psicologia para as práticas pedagógicas: Limites e possibilidades. **Linguagem, Educação e Sociedade** (UFPI), Teresina, v. 08, p. 62-70, 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas: Papyrus, 1994.

GOULART, I. B. **Psicologia da educação**: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. 2ª ed.. Petrópolis- RJ: Vozes. (1989).

GOULART, I.B. **Piaget**: Experiências Básicas para Utilização pelo Professor. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

LIBÂNEO, Jose C. **A democratização da escola pública**. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MASSIMI, M. História das idéias de psicológicas no Brasil em obras do período colonial. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo. USP, 1984.

MOREIRA, Marco A. Linguagem e aprendizagem significativa. In: II Encontro Internacional: Linguagem, Cultura e Cognição. Mesa redonda Linguagem e Cognição na Sala de Aula de Ciências. Belo Horizonte, MG, Brasil, 16-18/jul/2003.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**.1930/1973. 9 ed. Petrópolis-RJ: Vozes,1987.

ROSA, Sany S da. **Construtivismo e mudança**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1997 (Coleção questões da nossa época

SEBER, M. da **GPiaget**: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: Scipione, 1997.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALLON Henri; GALVÃO, Izabel. **Uma Concepção Dialética Do Desenvolvimento Infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.